



PRAGMATISMO DAS FLORES

Aírton Souza

Poeta e Professor. Licenciatura em História pela Uniasselvi, Letras-Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará.

PALAVRAS-CHAVE:

Literatura brasileira-poesia; Arlindo Souza.

KEYWORDS:

Brazilian literature-poetry; Arlindo Souza

1ª Parte: Oração ao Pai

*pai te tomo as mãos
com a ideia de conviver
a perda de teu olhar vazio
& o corpo que exista
amontoará depois o lembrar
de querer outros dias*

*a colheita imune
nenhum naufrágio secará a tua
Ausência / contrários
improvisarei tuas máscaras
amiúde vou salvaguardando
tudo que não compreendi de nós.*

reza à mãe

*mãe, tenho dois pés descalços
e, até esse exato momento
não conseguir o pragmatismo das flores*

*o dia sempre morre em mim
mas levo comigo a sacralização das coisas
foi isso que me ensinastes
conduzir a voz aos longos lugares
reter os joelhos antes da urgência
lavar as mãos no vagar hordieno da fé*

*eu cruzo mãe
cruzo o arquejar arcaico das cenas
o peito carrego uma faca
& rasga figuras na reza*

*junto todo resto da fome
& outros guardados caminhos
que deságuam mãe
nos quintais
onde estendas sonhos
sem o pudor do sono*

*e a quietude dos vestígios
de nossos antepassados
que fecharam portas e janelas
em nosso peito de chão e pássaros*

*o catedrático mundo, mãe
assombra (in)visibilidade*

*todas essas cicatrizes de meu corpo
traz a tona a figura volátil
de teu semblante*

*em tua boca muda
quantos sofrimentos pairaram
sob a tez reescrevendo musgos?*

*ainda que eu tombe em combate
reza alguma desfará
a ávida dádiva de nos separar.*

*a ingremidade de teus olhos mãe
acenam uma tipografia do grito
é sempre aquela impressão
de úmidas manhãs
onde homens recolhem
as fendas dos porões
& a carne lavrada*

*só tua mãe
escuta reclusa
o não das coisas
sedimenta abismo
sem alimentar meus medos*

*tuas mãos são dadas a mistérios
apalpando noite a noite
o sacrilégio dos dias
para depois serem túmulos
segregados ossos
habitadas lembranças
abstraíndo esse coração figurado.*

*mãe, os santos mitigaram rastros
& o manejo de tuas preces
a disfarçarem dores*

*se decifrei algo
foi deixar a porta
a língua incurável
no extirpar a infância*

*perdoe minhas certezas
e as de meus irmãos
bordando a idade das pedras*

ponho a mesa

o que permanecerá em mim: o testemunho.

*mãe, não abandonarei teus murmúrios
conduzirei imponderavelmente aos caminhos
[sem o alicerce dos ensaios]*

Todas as lições

Que ilustraram nossos calvários

*Para as manhãs de flores e coragem
Partirei a estilhaçar negados jardins*

*Para feição de nossos verbos
& silencioso como um pássaro*

*rasgarei os quietos rancores
adormecidos nas cadeiras
que ressaltam tua ausência*

é que és uma eternidade sepultada.

Mãe: uma eternidade sepultada

*a casa em ruínas, mãe
expandia em nós um natural amor
entre vigílias, preces e frestas
tudo eram olhos e ouvidos
não adormecidos*

*pelo lado de fora
as noite eram ânsias de manhãs
dentro os antigos deixaram suas vozes*

*em mim tua sombra atravessa
percorrendo cômodos
ferida de ternura
& volto ao silêncio
a reunir desfloramentos.*

*na sacralização do corpo, mãe
minha projetada sombra
reinaugura a viagem de teu regresso
& o tecido dos anos
em tua maneira de olhar penumbras
tinha é a torre da poesia, a distancia entre céu e
chão*

*ninguém medirá o que sem escrita
teu corpo e o testamento dele
tencionaram meio as alfombras e sentidos*

*quantas vezes fingiu interpretar vidraças
só para não repetir o nu das janelas?*

*quantos dias coloriu depoimentos
sem as hipérboles de distinguir tristezas?*

*agora tudo isso [lente latente
em nós a não sermos só apêndices].
as contingências pesam datas, mãe
enquanto no quintal deus guardava ausências
& abraçava a casa
com olhar de remorso
só tu e teu vê angular
providenciavam os resguardados sentimentos
nossos*

miopizamos o amor

porque nos ofereceu fisionomias policrômicas

*tangemos em tangencias artificios
e o voo da voz ouviu ruas*

*mãe, descerro a memória
[indizível teu calar]
para habitar os acervos de tuas cenas
acenando da janela: destinos.*

*das maneiras de descontinuar
tínhamos o apagar das luzes, mãe
a voz um trecho mal iluminado
não sabe como regressando a casa
relatava aos santos adormecidos
o antecipado das coisas*

*esses mesmos santos tinham interiorizados
os planos de assombrações
para conciliar memórias*

*& o aplacar de épocas
faziam renascer nossos ancestrais
como uma voz que alastra o golpe
para mergulhar mais fundo
e conservar a candura de exilar estrelas.*

*a única vez que colhi a pedra
em seu estado de memória mãe
a rua de antes
expandiu-se para além do mundo*

*desatento a tudo que os dedos apontavam
& a trégua inexistente das revoluções
ninguém lembrava de nós
nos arredores das verdades
que nos homens são assombros*

*mãe, receio que amanhã tenha chuva
e eu lembre que nunca vou desertar*

teu nome





Alvarez
FOTO.
Mezquitán 573 - Guad.

*mesmo naqueles quaradouros
silenciados pela solitude.*

*como não vai o poeta
desertar da poesia*

*depois da revolta, mãe
as mãos estão nuas
& a irredutível ideia
espera seios sem armas
para acentuar com ilusões
a espiritualidade nos homens*

*pelo lado de fora
reconheço-me mais dentro
humanamente imanente.*

*não pude ser senão
tristemente eu mãe
& o patriarca e o seu outono
abrigou diálogos inúteis
para escrever utopias*

*exilei o entreter à santidade
abriram fendas em nossas retinas
é provável que cada renitência
torture esse monólogo
no dorso do tempo*

*mãe, forjarei germinações
no recolher de tuas vertigens.*

*mãe aponte pequenas coisas
sem o rosto sintático das despedidas
pois ontem despertamos
com a visão em refugio*

*ao redor da boca
passaram inquietas estradas*

acorda mãe

*necessitamos de tua filosófica língua
para vestir paredes
& outros trajetos.*

*antes da palavra calendário
parou o passado mãe*

*tua matéria de nos ensinar esquinas
forjou o abandonado da porta
cúmplice em falar gestos*

*necessários as cicatrizes
levamos lavados nossos retratos
para antes da liturgia*

*mãe não basta o significado
porque tudo posso
naquele que me entristece.*

*a mesma língua ressequida mãe
assentada a terminar o começo
da analogia do destino
& a data narrativa de efemeridade
lamberam todos os efeitos da moldura*

equatorial de teus semblantes

*poderia ainda traduzir antigas cenas
outras chuvas longe do presépio
se tua presença não tivesse colonizado
a última piedade de meus documentos*

*mãe desprovido de discórdia
beijo a exuberância da miséria
a sobra da sombra clarividente
ornamentada em tua ausência
é que sou expedição perdida
na embocadura dos planos e cenários
entre pueris afagos teus.*

Angústia alguma nos vencerá, mãe

*os bárbaros desferem beijos
nos signos de teus estremecidos lábios
de ervas & sinônimos
no afogar das mágoas*

*varandiou em nós cada cômodo
em noturnas manhãs
onde desprezos inundavam nossos pés*

*de ombros em ristes
íamos a dialogar escombros
contra esses novembros que sempre voltam
imersos de vazios
a incendiar alegorias.*

